

FUTEBOL NA PONTA DA LÍNGUA

ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA

FLAVIO DE CAMPOS

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO



Saroupa
editora

Copyright © Garoupa, 2026.

Futebol na ponta da língua: antropologia e história © Flavio de Campos e Luiz Henrique de Toledo, 2026.

Decupagem, transcrição e notas: LEONARDO DUARTE CURRALO e RAFAEL DE ALBUQUERQUE CORDANI

Capa, projeto gráfico e diagramação: JULIA VILALVA LOURENÇO

Preparação de originais: TATIANA NASCIMENTO

Revisão: MARIA PAULA LUCENA BONNA

Edição: MARINA RUIVO

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C198F

Campos, Flavio de.

Futebol na ponta da língua : antropologia e história / Flavio de Campos, Luiz Henrique de Toledo. – São Paulo, SP: Delfim, 2026.
468 p. ; 17,5 x 25,5 cm.

ISBN 978-65-989033-2-9

1. Futebol – aspectos sociais. 2. Entrevistas. 3. Antropologia. 4. História. 5. Sociologia do esporte. I. Toledo, Luiz Henrique de. II. Título.

CDU 796.33:39

Índice para catálogo sistemático: 1. Futebol 796.33. 2. Antropologia 39

Catalogação na fonte: Bruna Heller (CRB-10/2348)

Delfim é o selo de não ficção da Garoupa.

Todos os direitos desta edição reservados à

Garoupa Editora

Livros são a nossa praia

Garoupa Editora

Rua Roque de Moraes, 345, 22 E

Limão – São Paulo/SP

02721-031

www.garoupaeditora.com.br

@garoupaeditora

garoupaeditora@garoupaeditora.com.br



Garoupa
editora

CAPÍTULO 6

MUSICALIZANDO FUTEBÓIS, ESPORTIVIZANDO SONS: TENSÕES ENTRE ÍCONES DA CULTURA BRASILEIRA

Identidade, caráter nacional, mestiçagem, ideologia, Chico Buarque, Sérgio Buarque de Holanda, Xuxa, Gustavo Kuerten, contramestiçagem, Ari Barroso, Gilberto Freyre, Mário Filho, identitarismo, etarismo, racismo, música popular, música erudita, samba, rede de recados, Roberto DaMatta, dramatizações, ritualizações, João Saldanha, ditadura, Médici, carnaval, futebol de espetáculo, Steven Feld, acustemologia, camadas sonoras, imaginário, mentalidade, partitura, José Miguel Wisnik, Ernesto Nazareth, Guilherme Trevisan, sociabilidade urbana, aplausos, vaías, sonoridades, sons das arquibancadas, Canto das Torcidas, Som das Torcidas, murga, Mário de Andrade, Nelson Rodrigues, Mangueira, Portela, marchinhas, Tom Zé, Hermeto Pascoal, Santos Futebol Music, Gilberto Mendes, Contemporânea Instrumentos Musicais, teatro musicado, Kleber Mendonça Filho, Romário, futebol de várzea, esgrima, tênis, skate, Julio Stabelinni, Florestan Fernandes, capoeira, dribble, ginga, Wilson Gambeta, ginástica, Jaques-Dalcroze, ginástica rítmica, Maradona, paródias, Ludens, Lula, impeachment de Collor, caras-pintadas, pandemia, Bolsonaro, charanga, Estevão, KC & Sunshine Band, Mamonas Assassinas, Luiza Romão, Gisele de Paula, Museu do Futebol, *¡Cancha Brava!*, Poropopó, circo, futebol de mulheres, LGBT, coreografia, torcidas organizadas, Gaviões da Fiel, Camisa 12, Mancha, TUP, Savoia, Dragões da Real, Falange, Tricolor Independente, hinos, hino nacional, Lamartine Babo, Lupicínio Rodrigues, Tim Maia, Ultraje a Rigor, revista *Placar*, rádio, Fiori Gigliotti, Arlindo, Samuel, Pelé, Valdir Perez, pelota basca, Tinhorão, Amadores da Pelota, polca.

Flavio

Zé, tem uma questão que eu gostaria de trocar contigo, para começar nossa prosa, que é a relação entre música e futebol, pensar o senso comum que se estabelece sobre a música e sobre o futebol — senso comum que, às vezes, é repetido por pesquisadores. Isso aparece nos trabalhos, nas pesquisas de mestrado, doutorado, que é uma formação mestiça, tanto do samba, da música brasileira, quanto do futebol, e essa perspectiva de que isso são coisas nossas, isso são coisas que nos pertencem, que nos dão identificação, quando não nos dão identidade. E, um pouco mais grave, cria um pouco aquela construção do caráter nacional brasileiro. E aí, nessa visão, aparecem duas definições, de que o Brasil é o país do futebol e de que o Brasil é o país da música. Ambas carregam uma analogia. Então, eu queria começar pensando um pouco as advertências e riscos dessa construção, dessa semelhança e dessa relação da música com o futebol e a identidade nacional.

José Geraldo

Puxa, você apresenta uma provocação complexa para o início da nossa conversa, mas vamos lá. Creio que na pergunta você já deu algumas dicas importantes para responder à questão. Na verdade, essas discussões em torno das relações entre mestiçagem e nacionalidade já estavam presentes no século XIX, pela necessidade de apresentar uma compreensão da recente invenção da nação brasileira. Mas elas só se tornam tema crucial a partir dos inícios do século XX, estendendo-se assim pelo menos até a década de 1950. A ideia da mestiçagem (racial, étnica, cultural, a depender dos intérpretes daquela época) era uma espécie de chave mental para entender os enigmas de nossa sociedade. Sem dúvida essa era uma discussão com uma carga ideológica evidente, mas ao mesmo tempo realista, já que as misturas étnicas eram — e continuam sendo — uma questão incontornável, dado que perceptível na concretude cotidiana dos brasileiros, sobretudo nas classes subalternas. Para um “Estado-nação” de tradição recente, entender quem éramos e os nossos destinos era um problema central a ser discutido e, sobretudo, desvelado.

Desse modo, as primeiras interpretações em torno da música popular urbana (já que você apontou o samba) são atravessadas por essa problemática da nação e das misturas étnicas, pois são contemporâneas a ela. Nas análises e comentários construídos por cronistas, memorialistas e comentaristas da moderna música popular, essas questões aparecem de maneira muito viva e influente, e de certo modo aparecem até hoje na crítica. Se olharmos de um outro ponto de vista, as interpretações românticas folclóricas também colaboraram enormemente naqueles anos para a construção e consolidação dessa percepção que associa nação e cultura/música popular — e assim para o erguimento do mito da “alma sonora brasileira” —, embora elas estivessem preocupadas com as músicas de tradição rural. Bom, para não me estender muito, discuto boa parte desse processo no meu livro *Criar o mundo do nada* (2020).

As primeiras questões analíticas sobre o futebol também aparecem inicialmente na crônica jornalística e seguem sentido semelhante, não é? Esse meio cultural do debate tem sentido, porque ambos — música urbana e futebol — eram considerados elementos de uma certa “baixa cultura popular”, presentes no jornalismo que também havia passado por mudanças. Entendo que ambos os fenômenos começaram a ingressar finalmente nos limites da nacionalidade com o populismo nos anos 1930. Claro que os meios de comunicação modernos também colaboraram profundamente para isso.

É importante, antes, a gente lembrar que historicamente as culturas de base oral têm outros mecanismos de produção, circulação, difusão e expressão, em que sons, escutas, imagens e corpos alcançam outra dimensão. Embora muitas vezes tenham suas formalidades rígidas e procedimentos exigentes (para cantar, tocar, representar, dançar etc.), elas são taticamente dadas às informalidades, adaptações, combinações, fusões, numa espécie de jogo infinito de “artes do fazer” no cotidiano. Ou seja, misturas permanentes são realizadas nas experiências do dia a dia para a própria sobrevivências e permanência delas. Talvez por essa condição intrínseca, penetraram com incrível rapidez — mas com conflitos evidentes — e sem muitas mediações na indústria fonográfica, radiofôni-

ca, dos espetáculos, já que sons, escutas, imagens e corpos continuaram fundamentais, mas sob as novas circunstâncias dos meios modernos de comunicação.

Os “gêneros” de nossa música popular moderna e o futebol, fenômenos culturais daquele período, seriam então resultados desses processos de apropriações e cruzamentos culturais permanentes e criativos que estão na base formativa do Brasil moderno. Creio que esses pontos de contato são importantes, mas atrapalham as análises que geralmente buscam aquelas “purezas” que apontam para a estabilidade das nossas tradições culturais (seja ela qual for: a nacional, a racial, a classista, a popular, a ancestral) como você salientou na pergunta.

Hoje em dia a questão da “mestiçagem” se apresenta de outra maneira e assim deve ser. Suas interpretações mudam, o conceito se transforma: a atmosfera mental é outra, afinal. No entanto, me parece que recentemente a discussão assumiu um tom, digamos, bastante politizado, marcado por um certo ponto de vista. Infelizmente esse tipo de postura impõe restrições que levam ao silenciamento do debate e aos atuais “cancelamentos”. Assim, creio que temos alguns pontos de convergência importantes para uma aproximação analítica dos dois fenômenos, como você indicou, e para além da condição óbvia da mesma base social de produção do desenvolvimento de suas práticas no tempo: a maleabilidade intrínseca e cotidiana das culturas, as condições históricas de misturas étnicas variadas no território nacional, a emergência histórica das culturas urbanas modernas, atravessadas pelos novos meios de comunicação, tudo isso marcado pela emergência do populismo nos anos 1930.

Kike

Acho muito legal vocês recuperarem uma das ideias-chave do pensamento social brasileiro que é a de mestiçagem. Já que vamos falar de música, tem uma anedota envolvendo o Chico Buarque, e sendo ele filho de quem foi, do historiador Sérgio Buarque, também deu o seu pitaco a respeito dela, a mestiçagem, num tom bem mais jocoso, próprio da estética da música popular, dizendo que no Brasil só há, de fato, duas pessoas brancas, uma

seria a Xuxa e a outra o tenista Gustavo Kuerten, o Guga. Acho interessante promover esse deslocamento de uma discussão que está na base da formação social e do pensamento intelectual no Brasil e percebê-la como uma ideologia que foi incensada lá nos decênios da primeira metade do século XX, intensamente musicalizada e conectada ao futebol, e que também se tornou tema de controvérsias teóricas. Hoje é apropriada de algumas maneiras, por exemplo, há toda uma discussão crítica contra os “referenciais integracionistas da mistura” (Pazzareli, Sauma, Hirose, 2017), que motivam discursos de (contra)mestiçagem de povos e coletivos subalternizados em várias paisagens culturais, além do Brasil, é claro. Discussão que não deixa de revelar alguma resiliência do termo mestiçagem. O “Brasil, meu Brasil brasileiro, meu mulato inzoneiro, vou cantar-te nos meus versos” (Ari Barroso, “Aquarela do Brasil”) torna-se uma imagem cada vez mais fugidia no gosto musical mediano de muitos estilos e Brasis que se apresentam hoje. A seleção brasileira de futebol masculino parece que também esgotou em existencialidade o modelo da brasilidade integracionista e mestiço.

José Geraldo

Exatamente: é aquela dinâmica pendular tão comum nos debates intelectuais que levam às disputas e dificuldades de compreensão mútua. Se no passado ela foi a grande justificativa da identidade nacional, que atravessou o futebol e a música popular, hoje as problemáticas são outras: a noção de identidade nacional foi superada há tempos e levou junto as discussões em torno da mestiçagem. Infelizmente, insisto, me parece que o debate foi silenciado de diversos modos, quando ele deveria continuar sob outros parâmetros, limites e discussões.

Kike

O Brasil hoje é menos o país do carnaval, do futebol e do samba.

José Geraldo

Não sei! Talvez sim, se pensarmos naqueles limites da identidade nacional em que essas associações começaram a se estabelecer. Acontece que não há como apagar essa memória social, pois continuamos experimentando positivamente esse trinômio e a sociedade procura outras leituras e experiências válidas para além do discurso da nacionalidade. De outro lado, alguns procuram nesses fenômenos indícios de certas “ancestralidades”, “autenticidades” etc., mesmo que impossíveis de serem encontrados.

Kike

E a discussão sobre a miscigenação se politiza, mas ela se politiza da seguinte maneira, parece recuar para os burgos da militância identitarista, e daí ela não sai. Não é mais uma discussão sobre o Brasil. Você não tem uma discussão sobre nossa mistura como brasileiros, ela é uma contrafação, de fato. Mas, de todo modo, vamos conversar? Não, não vamos conversar. Você é branco, eu sou negro, amarelo, e a música que você escuta é essa, a música que eu escuto é aquela outra.

José Geraldo

Gostei da sua imagem. Não se discute o(s) Brasil(is), mas os pontos de vistas dos burgos de onde se fala. Não sei como é que andam as análises em torno do futebol, porque eu fiquei um pouco distante disso. Com relação aos estudos acadêmicos da música popular — não a produção musical, que continua viva e criativa —, durante certo tempo ficaram bem marcados pela busca da “raiz”, do “ancestral”, do “bom popular”, da “pureza”, do “regional”, do “original”. No entanto, sinceramente sinto que esse debate, pelo menos na historiografia, já está um tanto saturado e enfrenta evidente retração, sobretudo porque os trabalhos não apresentaram nada de relevante e criativo, além de sofrer daquela tremenda preguiça de fazer pesquisa e se questionar; a convicção das melhores interpretações e bandeiras dava o tom, e isso é o que importava.

Kike

Há um múltiplo cancelamento, como se diz. Cancelam o Chico Buarque de Holanda por vários motivos. Há um etarismo nisso tudo, que se associa a um identitarismo, que destitui sua poesia como lugar de fala, e um outro cancelamento de gênero. Há toda uma polêmica que aponta misoginia em suas letras.

José Geraldo

Não frequento as "redes sociais", acompanho somente a distância, mas tudo indica que há cancelamento geral, não apenas a ele, né? Tô lembrando daquele feito contra o Antônio Risério, que aliás estuda de maneira crítica essas relações futebol e música, e que corajosamente se insurgiu. Até onde sei, Chico Buarque não dá muita bola pra isso, com toda razão...

Flavio

Não teria aí uma diferença, Zé, em relação à música e ao futebol? Porque a música, de certa maneira, no processo de sua própria formação, ela se pensa, ela procura por seus significados, sua importância, suas origens, inventadas ou não. Ela traz, nas letras, uma reflexão sobre si mesma. As próprias canções, as letras, de certa maneira, vão fazer referências a essa musicalidade mestiça. Essa musicalidade que tem diversos vetores culturais e que cria várias sínteses que vão se somando e movimentando o processo de constituição da música brasileira. Então, a música tem uma reflexão em si mesma.

Me parece que no futebol, a reflexão sobre o futebol em si mesmo, a partir dele, é a reflexão sobre a técnica, sobre a tática, sobre o desempenho, sobre as conquistas. A reflexão sobre o futebol é mais externa.

José Geraldo

O que você quer dizer é que a canção popular se pensa internamente, por meio das letras, se criticando, se autoparodiando? Mas, na verdade, a música de modo geral (a de concerto, a encenada, a instrumental...) tem

esse sentido autorreflexivo bem presente. Claro que na canção popular isso muitas vezes é mais simples de entender.

Kike

Os metassambas. Falar do próprio samba é uma constante universal.

José Geraldo

Mas não fala só de si mesmo, não é?! Eu acho bem mais importante a rede de recados que a música estabelece e comenta diversas outras coisas — a tematização é infinita, e o futebol é uma delas, certamente —, estabelecendo um vivo diálogo com a sociedade. Isso tem a ver com aquela discussão anterior das práticas das sociedades oralizadas: a música seria então um meio privilegiado de comunicação (e construção) social. Mário de Andrade já sugeria isso para a sociedade brasileira, dando justificativa à ideia do “país da música” a que o Flavio se referiu. E talvez você tenha razão ao dizer que o futebol tenha dificuldade nisso e cria outras características de interlocução.

Flavio

O futebol representa, talvez, com algumas mediações. Naquela chave do Roberto DaMatta, da dramatização dos dilemas e contradições da sociedade brasileira.

José Geraldo

Isso! Creio que é por aí também ...

Kike

A mediação do futebol é quase conceitual. A música, não. A música, de fato, ela é um repositório, um lugar livre onde se pode tematizar qualquer assunto. Desde as relações íntimas até discorrer ou poetizar uma Brasil grande. Das ritualizações do que é o Brasil. Tudo cabe dentro da música. E

nem tudo cabe dentro do futebol. É um traço incontestado da música. Quero remeter a um exemplo que vem do João Saldanha, cronista esportivo reconhecidamente comunista, e que também dirigiu a seleção brasileira em plena ditadura (de 1969 ao início de 1970), sendo destituído do cargo por pressão do então presidente general Emílio Garrastazu Médici. Saldanha insistia em preservar a importância do futebol na sociedade brasileira. Ele não falava da música em geral, mas interpelava o carnaval, dizendo que essa festa acontecia uma vez ao ano e o futebol preenchia nossa vida. Daquela maneira meio malcriada dele, dizia que ninguém aguentaria carnaval toda semana. Não sei, é uma boa tese, mas de qualquer modo respinga na música, ou naquele tipo de música veiculada em festas carnavalescas. Mas desse teu ponto de vista ele está errado. A música também está profundamente entranhada no discurso cotidiano como elemento comunicativo.

José Geraldo

Bom exemplo. E aí voltamos ao trinômio incontornável música popular, carnaval e futebol, não é?

Kike

Quer dizer, o futebol é muito mais autorreferenciado.

José Geraldo

A música é mais generosa porque oferece uma linguagem clara — ainda que metafórica — para se falar do país e com o país. No entanto, a partir de certo momento, o futebol se entranha de tal modo no imaginário e nas vivências da sociedade brasileira que assume uma representação talvez mais radical que a da música. Talvez porque crie mais excitação, “unanimidades”, exaltações, ação das multidões...

Mas queria também abordar um outro aspecto dessas relações com o futebol que não é propriamente com a música, mas com os sons na sua materialidade de produção e escuta. As manifestações lúdicas são caracteristicamente sonoras e precisamos prestar atenção nisso também.

Kike

É um pouco aquela ideia do etnomusicólogo Steven Feld, que vai falar em acustemologia. Você usa uma expressão que eu gosto muito, que é “camadas sonoras”, e incorpora nelas a música dita organizada, aquela das métricas e tal. Mas a música é mais um elemento sonoro num amplo universo desorganizado de sons que se organizam em nossas cabeças e corpos de alguma maneira. Na verdade, todos os sons povoam o nosso imaginário. Povoam a nossa existência.

José Geraldo

Exatamente. A nossa existência não se concretiza sem som, até internamente escutamos nossos sons corporais. Então, refletir sobre isso é muito interessante. É o que tem mais me interessado atualmente: mais do que falar de música, é falar de som. Mas as ciências humanas de modo geral sempre estiveram muita centradas na canção, portanto, tendem a fazer uma análise mais literária do que sonora.

Kike

Até porque, sem ser músico, é um universo difícil de penetrar. Falar de futebol parece mais intuitivo, é mais fácil.

José Geraldo

Exatamente. Tenho até uma história pessoal curiosa sobre isso. Não é propriamente falar sobre os dois, mas praticá-los. De qualquer modo, é ilustrativo disso que você falou. No começo dos anos 1990, após um evento na PUC-SP, em um bate-papo informal, me perguntaram se eu preferia ou era mais dado à música ou ao futebol. Minha resposta foi imediata: na música tive que estudar muito (para me tornar um instrumentista bem mediano), e para o futebol, não, tudo foi, digamos, mais “espontâneo”. Até hoje, no “futebol geriátrico” que pratico semanalmente, às vezes penso, “puxa como fiz isso”... Claro que se perguntar a um músico atuante, a resposta bem provavelmente será inversa: a música certamente flui com

muito mais naturalidade. Bom, mas creio que você tem total razão sobre essas dificuldades com a linguagem musical: comento isso em relação direta com a historiografia em um artigo que escrevi intitulado “Escutar os mortos” (2018). Parece mais descomplicado falar da poesia na música, pois faz parte de nossa milenar tradição cultural literária e se evita a linguagem musical estrita. Lembrando apenas que boa parte dos músicos populares não conhece também a linguagem musical escrita, embora conheçam profundamente as dinâmicas musicais e cancionistas. Bem provavelmente é em razão desse obstáculo que nas ciências humanas de modo geral se privilegiou o estudo da canção (popular) para se falar da música. Não vejo problema, é um caminho justo e certo, porque na canção música e poesia não podem ser dissociados. Agora, tenho a impressão de que falar dos sons pode também ser mais intuitivo e simples.

Kike

Essa coisa também de trabalhar com o som foi o que fez aquele seu orientando de mestrado na dissertação, o Guilherme Trevisan (2024). Acho aquele texto sensacional, uma das coisas mais legais que eu li nos últimos vinte anos. Eu falei isso na banca, posso falar de novo agora. Eu achei incrível a abordagem das sonoridades no início de implantação do futebol e os impactos na sociabilidade urbana. Como o futebol foi se imiscuindo devagarinho na trama cotidiana sonora da metrópole. A análise dos aplausos, vaias e expressões ainda muito aquém das relações que firmariam o futebol como índice de identidade nacional.

José Geraldo

Sim, o trabalho salta fora das obviedades. Conseguir que um pesquisador jovem trabalhe fora desses limites foi um desafio. Geralmente eles aparecem muito convictos de uma posição ou ideia de identidade (ou paixão) clubística, nacional, certezas em torno do “futebol-arte”, “popular”/várzea e assim por diante. São campos de força difíceis de serem quebrados, sobretudo nos novos pesquisadores. Mas você já tinha realizado isso com o som nas arquibancadas, o Flavio tratou das questões de arquitetura dos

estádios. São coisas que ninguém tinha sacado. O Guilherme se dispôs a isso com muita curiosidade e capacidade de trabalho.

Kike

É uma epistemologia que impõe uma moldura às relações entre canção e futebol. E para sair da moldura, de que o Brasil é um país do carnaval, do futebol, da mulata, como disse o Flavio, é mais custoso avançar para além disso.

José Geraldo

Sim. Alunos aparecem com uma postura de fã (para a música), ou de torcedor (para o futebol). Procuram porque gostam, sei lá, da música do Milton Nascimento, do Nazareth ou do funk, entendeu? Ou te procuram porque é torcedor do time X, enfim...

Kike

Já carregam esse fardo da identidade.

José Geraldo

Exatamente. É o chamado *fan-scholar*. Ele se torna um acadêmico a partir da sua postura de fã. Acho bárbaro que o impulso seja esse do desejo; no entanto, isso não pode atrapalhar a capacidade de pesquisa e reflexões.

Flavio

Ele constrói a carreira já com um teto e com uma bola de ferro no pé, um horizonte já limitado.

Kike

Mas deixa eu ampliar isso. Tudo bem, é um problema de epistemologia. Tem a ver com a forma como a gente caminha pelos nossos temas e a

maneira como engessamos esses temas dentro de uma certa moldura idealizada do que é o Brasil, do que é a música e tal. Mas ontem eu estava vendo em alguns sites, e tem um chamado *O Canto das Torcidas*. Estou indicando porque é maravilhoso.

Flavio

Tem um outro, *O Som das Torcidas*, organizado pelo Matias Pinto, que foi nosso aluno lá na História (USP).

Kike

O Canto das Torcidas. Tem até essa brincadeira com a palavra "canto", porque canto remete a uma noção de algo escanteado, e isso tem a ver com os torcedores nesse universo do futebol espetacularizado. Bom, num dos episódios aparece uma flamenguista, uma menina branca, tocando um instrumento que faz parte dos movimentos de torcedores barra bravas no Uruguai e Argentina, um gênero musical chamado de murga. É um bumbo que acopla um prato na parte superior e exige muita técnica. A menina o executa muito bem, por sinal. Isso tudo ali nas arquibancadas flamenguistas, insisto. Meu interesse foi ler os comentários dos torcedores, muitos se posicionando de maneira elogiosa, talvez pela menina ser bonita, que é um cálculo da virilidade torcedora, e uns tantos outros dizendo que aquilo não era música brasileira e não tinha nada a ver com a cultura torcedora carioca, ou brasileira, embora já se observem movimentos assim por toda a região Sul do país, inclusive no Rio de Janeiro, com agrupamentos torcedores levando esse gênero musical para as arquibancadas. Era a velha relação samba e futebol sendo reivindicada no âmbito daquelas críticas.

Então, aí se nota que a coisa toda não é apenas conversa de intelectuais. Não é só da parte da academia engessada por essa equação samba-futebol-brasilidade.

José Geraldo

Sem dúvida nenhuma. Não conheço esses sites, vou procurar imediatamente.

Kike

Zé, você escreveu pelo menos dois textos tratando da relação música e futebol seguindo alguns passos de Mário de Andrade num movimento que identifica o ingresso do tema estrangeiro futebol como elemento da cultura brasileira em poemas, citações, recomendações que aproximavam o universo musical do futebol. Chamaria isso, e de maneira forçada, de culturalização (e, também, musicalização) do futebol. Mas se pode operar raciocínio inverso: em que medida podemos falar numa esportivização do universo cultural/musical popular no Brasil? Penso imediatamente em figuras como o jornalista e escritor Mário Filho, irmão do Nelson Rodrigues, que também foi um exímio cronista do futebol. O que o Mário Filho promoveu nos festejos populares de samba foi uma esportivização, e delimitou um “campo de jogo”, espacial e temporal, para manifestações que estavam dispersas. Introduziu o elemento competitivo na festa. Mangueira e Portela viraram uma espécie de Fla-Flu. Geralmente, quem pesquisa música do ponto de vista das ciências humanas trabalha num sentido. Podemos pensar isso de maneira inversa? O carnaval competitivo em seu nível de espetacularização ao longo das décadas acelerou as mudanças estéticas do carnaval a transformar o andamento dos sambas de enredo, sua dança etc.

José Geraldo

Legal você lembrar dessa disputa “clubística” existente no carnaval carioca. No Rio de Janeiro “todo mundo” tem um time para torcer e uma escola de samba também.

Sim, Mário Filho ajudou a mudar a organização dos desfiles do festejo, dando-lhe perfil de um espetáculo competitivo, com recebimento de taças, prêmios etc. E com ela mudou a marcha destinada ao carnaval. Essa é uma questão clássica: a antiga forma mais dançada deu lugar a uma maneira

mais desfilada. O desdobramento disso é que se passou a sambar menos, para se desfilar mais. E durante o desfile, determinou-se um tempo e espaço para exibir o samba.

Kike

O desfilar seria uma dança mais disciplinada. O que estou colocando aqui é que a música ofereceu elementos para o futebol, e todo um imaginário de nação futebolista se criou a partir de noções como a ginga, a dança e essas formas de dispor sobretudo os corpos negros, capturados por uma intelectualidade que viu nisso uma chave explicativa para se pensar o Brasil. O interessante é ver o quanto de futebol se ofereceu como elemento para agregar aos cânones da música popular e suas manifestações.

José Geraldo

Gilberto Freyre faz isso inicialmente, não é? Naquele artigo de 1938 sobre o futebol mulato. Em comparação ao apolíneo, o nosso teria então traços dionisíacos, por isso mais artístico, porque dançável, informal, baseado na "manha", "astúcia", "ligeireza", "espontaneidade", "floreios" e "despistamentos". Depois consagraria a interpretação no famoso prefácio do *Negro no futebol brasileiro* do Mário Filho. Mário de Andrade também fez o mesmo tipo de interpretação em 1939 num artigo escrito para o *Estado*, na verdade uma crônica em torno da partida Brasil e Argentina no Maracanã, vencida pelos platinos. Lá ele fala "*nos geitos sambióticos*", um "*bailado mirífico*", que, no entanto, sucumbe à forma platina objetiva de se jogar. Apresentei isso no artigo "Mário de Andrade: música e futebol entram em campo" (2015), que o Kike lembrou. Agora, quem discute tudo isso de maneira bastante ampla e profunda é o Zé Miguel (José Miguel Wisnik) no ótimo *Veneno remédio*, e de modo mais direto num capítulo exclusivo sobre o "Futebol mulato".

Kike

A esportivização da música seria boa para a música?

José Geraldo

O que seria essa esportivização? Seria aquela noção e prática de competição? Acho bem interessante a ideia para o carnaval, até porque coreografia pode ser também, digamos, uma espécie de “esporte”. Agora na música ...

Kike

Festivais de música no geral trazem elementos competitivos.

José Geraldo

Sim, claro. E aqueles famosos dos anos 1960 na Record tinham, vamos dizer assim, quartas de finais, semifinais etc., tensionando a disputa. Além daquelas torcidas fervorosas em favor do artista ou da canção.

Mas estou pensando aqui que tipo de som que o futebol competitivo pode incluir na canção, na música, não sei. Valeria a pena pesquisar sobre isso. Digo do ponto de vista direto: o futebol se entranhando mesmo nas sonoridades musicais. Eu fiquei incomodado no bom sentido. Geralmente a gente vê mais é a tematização do futebol na música. Talvez alguém mais experimental...

Flavio

Talvez alguns caras que fazem mais experimentações, como o Tom Zé¹.

José Geraldo

Não sei, talvez com as passagens que emulam a transmissão radiofônica e o coro da arquibancada gritando “Neeeeeto”, pode ser. Ali acho bem tênue — embora goste muito —, porque se trata muito mais de uma tematização, inclusive bem centrada nas questões que comentamos anteriormente sobre o “futebol-arte”, “mulato” etc.

¹ Duas canções de Tom Zé que se referem diretamente ao futebol: “Neto, craque da Copa (1990)” e “Corinthians, Hino do Centenário (2010)”.

Quem fez de fato esse tipo de experimentação de maneira impressionante foi, obviamente, o Hermeto Pascoal. Ele tomou algumas transmissões esportivas do rádio que têm um ritmo e melodias muito próprias e transformou radicalmente em música ², aí sim.

Kike

Mas o Hermeto é aquele que transforma ruído em música.

José Geraldo

Sim, para Hermeto tudo é som. Ainda desse ponto de vista de ir além da tematização que a música faz do futebol, Gilberto Mendes compôs uma peça incrível chamada "Santos Futebol Music" (1969). Como está nos limites da chamada música contemporânea, ele se permite várias quebras de elementos da música de concerto.

Kike

É uma música polifônica, ela incorpora vários elementos.

José Geraldo

Além do aspecto sonoro e musical, tem que ver, pois há uma dinâmica encenada muito interessante também.

Porque se chuta a bola, entra a torcida em campo, tem vaia na plateia etc. Então há uma relação muito bacana entre a música e o futebol. Ali também é bem perceptível ³. Discuto de passagem essas duas composições no artigo de 2015 que lembrei antes.

² Nas canções "Vai garotinho" e "Tiruliluli", Hermeto musicou trechos de narrações esportivas. Elas estão no disco *Lago da Canoa Município de Arapiraca*, 1984.

³ Gilberto Mendes compôs a obra "Santos Football Music" em 1969. O nome foi escolhido como homenagem/referência ao nome do clube de coração. Segundo a página oficial do Santos F.C., o nome do clube foi alterado em 1976, quando passou a ser escrito em português.

Flavio

Eu gostaria de recuperar essa questão da cultura sonora do futebol, que me parece ser uma das suas grandes contribuições. O Guilherme Trevisan seguiu essa pista. Eu pediria que você trabalhasse um pouquinho mais essa questão da cultura sonora do futebol. Resgatar um pouco o trabalho do Guilherme. Recuperar elementos que poderiam ser aproveitados musicalmente. Os aplausos, os gritos, os xingamentos, e até mesmo os anglicanismos, os termos que vão sendo aportuguesados ou que se mantêm.

José Geraldo

Bom, são várias coisas aí. Uma do ponto de vista mais geral, que é a seguinte, essa preocupação com as sonoridades do futebol vem de uma preocupação maior a que já fiz referência. Entender o universo sonoro como parte das nossas experiências vitais.

E como desdobramento, identificar nisso uma epistemologia vivida: como é que experimentamos e conhecemos o mundo pela escuta. E, em seguida, como é possível produzir conhecimentos sistemático sobre essas realidades aurais. Agora, do meu ponto de vista, isso não pode resvalar no discurso fácil e simplista dos “novos saberes”, “novas epistemologias” que circulam por aí. Esse é um bom debate que deve ser feito, mas não neste bate-papo, né?

Esse interesse fez com que eu me afastasse um pouco da música para ingressar nessas camadas sonoras completamente diversificadas que fazem parte do nosso mundo. Quando o Guilherme me procurou para estudar as questões do futebol, eu sugeri tratar dessas questões sonoras no mundo do futebol. Ele achou bárbaro. Certamente a experiência dele com uma iniciação científica orientada também por mim sobre a rede de casas de música (instrumentos, partituras, aparelhos etc.) no período o ajudou muito. Esses lugares tinham uma vida sonora, musical, mais ampla.

Kike

A loja paulistana e fábrica de instrumentos musicais famosa, a Contemporânea, tinha esse propósito.

José Geraldo

Exatamente. Que perdurou! Ali a música tem uma sociabilidade que não se limita apenas ao som musical. Tem música propriamente, claro, mas tem também outros sons. Pensem na afinação de uma orquestra antes do início do espetáculo; ou nos múltiplos rumores que antecedem um show num estádio; numa roda de choro de quintal tradicional repleta de sons paralelos; ou ainda, nas conversas internas e ruídos externos aqui da avenida em frente ao bar enquanto você canta nas suas apresentações. Inclusive trato disso num texto sobre "Cafés com música" (assim eram chamados os bares) no início do século XX em SP. Bom, quando o Guilherme Trevisan resolveu fazer o mestrado, pensamos em juntar sua dupla experiência: o desejo de fã do futebol e a pesquisa de IC com as sociabilidades sonoras nas casas musicais. A ideia foi procurar captar os sons internos e externos da prática. Importante destacar isso: ele não ficou preso às arquibancadas e torcidas. Aliás, como digo, para mim boa parte dos estudos sobre futebol são na verdade sobre torcidas. São poucos os livros que procuram entrar na lógica interna do futebol, como o já citado *Veneno remédio*. Obviamente não me refiro a táticas, treinamentos etc. Bom, descobrimos coisas interessantíssimas e ele apresentou também uma dinâmica interpretativa muito legal. Ele saiu das presunções sobre o passado, o futebol e os sons, e foi pesquisar abertamente para conhecer e dar concretude às práticas sonoras do futebol do início do século XX. E desse ponto de vista, ele não teve a tal preguiça da pesquisa.

Kike

Essa tensão intelectualista sobre a identidade culturalizada brasileira é um tema recorrente. Quando vocês dois apontaram no início aqui do nosso

papo o problema da noção de identidade, parece que saltariam de maneira natural elementos que formariam essa identidade. Há propriedades reversíveis que fazem juntar samba, música popular e a ideia de um futebol-arte? Quando se fala que o Brasil é o país do carnaval, do futebol, são esses elementos que vão se definindo como fatores diacríticos. Mas os elementos de historicidade do futebol não são os mesmos elementos que participam na produção ampliada da música popular. Não é bem assim. Pesquisas que abordam essa questão, não só da música e da canção, mas que alcançam essa abordagem das sonoridades, revelam fraturas na propalada identidade. Definem, por exemplo, que a vaia era uma coisa que o povo executava, mas que tinha umas plaquinhas que indicavam sua proibição ou desestímulo. “Vaia é proibido” era um letreiro, ou, como descreve o Guilherme, “placas de orientação comportamental” direcionadas, sobretudo, ao povão que extraía dos *matches* um tipo peculiar de emoção ruidosa, corporalizada e verbalizada em expressões não necessariamente musicais. Nesse sentido, havia uma disputa por signos corporais que revelavam identidades distintas entre frações ou segmentos sociais, tudo corporalizado nas palmas e nas vaia. Então, tem aí um processo de negociação com os sons do povo. Os sons do povo não são audíveis às elites, que aplaudem.

José Geraldo

Sim, claro! Negocia, modula, transforma, ocupa e assim vai... Agora, colocando numa perspectiva mais ampliada, essas tentativas de regramento que aconteciam nas arquibancadas naquele momento ocorreram antes nas salas de teatro. A percepção que temos é que as salas sempre foram lugares cerimoniais de silêncio para a escuta da música de concerto. No entanto, até boa parte do século XIX havia participação ruidosa e até alguma bagunça: tinha pateada, vaia, gritos e apupos. Dentro e fora das salas. Veja que interessante, aqui no Brasil, a palavra baderna, por exemplo, é originária do sobrenome de famosa dançarina de uma companhia italiana chamada Marietta (ou Maria) Baderna. Ela chegou ao Rio de Janeiro em meados do século XIX e Baderna rapidamente arregimentou uma quantidade imensa de fãs entusiasmados, que formaram uma espécie de “torcida

organizada” muito ruidosa: assim, houve a tentativa de conter os “baderneiros” dentro e fora dos teatros. Pense também que os tradicionais “galinheiros” ganharam esse apelido exatamente pelo ambiente ruidoso que mantinham — essa zoofonia ou zoossonoridade que o historiador Nelson Aprobato trabalha de maneira muito criativa (Aprobato Filho, 2007).

Tive duas alunas que pesquisaram a “música em cena” na cidade de São Paulo no início do século XX. O teatro musicado era muito ruidoso e sua forma colaborava para a ação participativa (risadas, gritos, palmas, apupos etc.). Uma delas, a Denise Sella Fonseca, identificou até mesmo situações extremadas de algazarras e ruídos, verdadeiros “casos de polícia”, como se disse à época (Fonseca, 2017). O desregramento interno foi combatido com disposições municipais legais, códigos de conduta, presença de agentes na plateia etc. No ambiente externo, a polícia agia. E a imprensa participou ativamente de campanhas favoráveis ao ordenamento.

Quem tem um texto muito legal que conta essa passagem de educação dos sentidos — neste caso, o da escuta — é Peter Gay (1999). Ele discute como na segunda metade do século XIX foi empreendida entre as elites europeias uma política sonora, formal e informal, em favor do silêncio nos teatros, o que certamente promoveu o desenvolvimento de uma técnica auditiva que identificava os sons do público em função da origem social de seus emissores. A prática, como sabemos, teve sucesso, bem diferente do que ocorreu nos estádios que continuam ruidosos e desejamos que assim permaneça.

Kike

Poxa, percebe que você muda alguns parâmetros reificados de descrição e análise a respeito do comportamento torcedor, pois, até então, tinha a percepção de que o torcer foi inventado diretamente e somente por torcedores. É uma questão interessante essa sociabilidade e sonoridade dentro dos teatros. Espaços que pulsavam para além do palco. Depois haverá todo um esforço em fazer dessa participação mais um elemento estético e dramático experimentado por certas vanguardas que irão incorporar a plateia ao espetáculo. No futebol essa tensão é permanente e há esforços

de muitos agentes desse campo sociológico para reconverter torcedores em consumidores ou público expectante.

José Geraldo

Bom, o processo de espetacularização do futebol tem um tipo de som, interno e externo, bem diferente daquele praticado pelas pessoas comuns, por exemplo, no futebol que jogamos. Veja como os jogadores profissionais reclamam quando o estádio está vazio por alguma razão. Aliás, durante o recesso pandêmico, um sobrinho, Pedro Vinci, produtor musical, trabalhou exatamente na construção da ambiência sonora para alguns estádios vazios; era para sonorizar durante o próprio jogo e para “aquecer” as apresentações pela TV. Veja como o som tem papel importante no espetáculo esportivo.

Os chamados Festivais da Várzea geralmente são bem ruidosos. Mas quem documentou e pesquisou isso?

Kike

Não consigo lembrar de ninguém.

José Geraldo

Está faltando essa densidade. Então, é isso: precisa sair dos temas hegemônicos, e nem sempre é fácil. Isso de certa forma me desestimulou a orientar pesquisas com o futebol...

Kike

Buscar o torcer em outros espaços de ambiência sonora e sociabilidade é uma contribuição aos estudos esportivos. Muito legal. Quando apenas se enumeram as manifestações torcedoras.

Flavio

Muito legal o que você está falando, Zé. Me vem muitas coisas. A dinâmica deste nosso livro permite pensar coisas que a gente não tinha pensado antes destas conversas, em nossas leituras e pesquisas. Então, em primeiro lugar, quero me fixar na sua fala: "O futebol que eu jogo não tem a mesma sonoridade do futebol espetacularizado". Sim, nem a bola, nem a qualidade e a dinâmica do jogo.

A gente sustenta que as arenas hoje são estúdios. Mas, qualquer campo de várzea, qualquer campinho, também é um estúdio. Estúdio sonoro. Esses elementos de sonoridade, dos xingamentos, dos toques na bola, dos chutes, quando a gente está jogando sem torcida, são mais perceptíveis. O som ao redor do futebol, parafraseando o Kléber Mendonça.

E eu lembro de uma partida... Uma partida entre Palmeiras e Vasco no Morumbi, final do Rio-São Paulo de 2000. O Palmeiras ganhava do Vasco, a partida terminou 4 a 0. Mas o Romário estava em campo. Eu assistia à partida na numerada inferior, muito perto do gramado. O Palmeiras mandava no jogo, além dos gols, duas ou três bolas na trave do Vasco. Já estava com a mão na taça, o Morumbi lotado, ruidoso. Num dado momento, a bola caiu para o Romário, na área do Palmeiras. O silêncio no estádio foi tão grande que deu para escutar a bola tocando no chão, como se fosse o futebol que você joga, Zé.

Era o som do medo, do respeito, da reverência ao Romário. O Romário lá na área dava medo. Mas o som... eu nunca esqueci desse som. Um Morumbi lotado em uma final e você escutar a bola cair e bater no gramado como se você estivesse num campinho. É nessa sonoridade que quero chegar. Hoje se resgata muito o futebol de várzea, o futebol amador. Tem várias designações para o futebol de várzea, sempre muito imprecisas, muito difíceis. Mas não se resgata essa sonoridade. Olha que interessante. Porque em geral o que se fala da várzea é um pouco requebrar a marmitta. Se retoma a questão da especulação imobiliária, a resistência, a origem dos grupos e contra esse futebol moderno que está gentrificado. Tudo isso é legítimo e necessário.

Mas é um pouco repetitivo.

Kike

É a sociologia dos “interesses”, que eu acho muito rasteira.

José Geraldo

E não é um capricho acadêmico. Bem provavelmente vai revelar que a várzea não é algo monolítico, já que contém realidades e sonoridades muito diversas.

Kike

E não repisa argumentos sociológicos que caem na cabeça da realidade, e a enterra em explicações universalizantes. Não. É o processo em ato.

E lembrei de uma polêmica internacional. O atleta, um saltador com vara francês, que exigiu silêncio das arquibancadas do Maracanã nas Olimpíadas do Rio, em 2016 ⁴. O silêncio era a condição que ele impunha para que confirmasse seu amplo favoritismo na conquista da medalha de ouro da modalidade. Mas aí tinha um brasileiro no meio do caminho do francês. O público, que virou uma torcida de futebol, não deixou o francês se concentrar para os saltos. Ele pedia com irritação. Depois criticou a conduta do público. Dizia que aquilo tinha sido a manifestação de incivilizados. As polêmicas tomaram ares de uma guerra cultural/esportiva entre Brasil e França. E ele precisava de silêncio para poder saltar e conquistar o esperado índice, mas fracassou. Ganhou o brasileiro, que se sentia acolhido e ambientado com a barulheira do estádio. O atleta brasileiro não retomaria mais esse protagonismo. Ali no Maracanã, parece que tivemos mesmo a vitória da sonorização, dos gritos, vaias e aplausos, “música” aos ouvidos do atleta brasileiro, embalado para a vitória inesperada, mas ruído aos ouvidos nervosos do francês.

José Geraldo

E o oposto disso foram as atletas, a Sinbayeva e a Fabiana Murer, que pediam justamente palmas para marcar o ritmo da saída para o salto.

⁴ Renaud Lavillenie.

E neste sentido do ordenamento sonoro, o tênis e a esgrima são exemplares, porque exigem silêncio e a prática pode ser paralisada pelo juiz se há muito ruído. Mas daí, contraditoriamente, o que chamo de som interno aparece mais. Na esgrima o barulho das sapatilhas arrastando, acompanhado de pequenos saltos no tablado e os floretes batendo são “ensurdecadores” no ambiente silencioso. No tênis, jogadores dizem que, na rapidez das jogadas, uma maneira de identificar se saiu um *forehand* ou um *backhand* da raquete do adversário é o som, é um recurso usual de identificação. Além, claro, dos conhecidos brados de “sofrimento” de jogadores/as ao bater na bola. Há uma relação entre a técnica e o som. No futebol dá-se o mesmo, não é?

Flavio

Quando o cara faz um gol de bico, você sabe que o cara fez um gol de bico.
Se você dá de chapa, o som é outro.

Kike

Tem skatistas que, em vez de escutar música, preferem o som dos skates no asfalto ou nas superfícies urbanas. Julio Stabelinni (2024) define com a noção de musicar um tipo de relação com a materialidade da cidade. O que importa é o som dos skates, das rodinhas no asfalto. Há uma materialidade musicada ali que revela o gradiente de técnicas (Toledo, 2024).

José Geraldo

Que bacana! Não sabia disso! A gente acha que eles/as estão escutando um rockão ou coisa semelhante. Veja só como nas práticas esportivas e lúdicas o universo sonoro colabora tremendamente para sua ação. Não é um capricho acadêmico: elas fazem parte e constroem o mundo, e neste nosso caso, esportivo. Agora, não é por isso que todos vão se preocupar em estudar isso...

Kike

Não, mas acho que você tem razão. Se a gente pegar um tema tão clássico, um dos primeiros trabalhos sobre isso, um trabalho de juventude do sociólogo Florestan Fernandes, intitulado *As trocinhas do Bom Retiro*, encontraremos ali a musicalidade nas brincadeiras infantis. As brincadeiras que ele retrata lá dos anos 40. As meninas cantavam, os meninos cantavam. Há um conjunto de elementos que vão favorecendo o desempenho corporal nas brincadeiras a partir da música. Coreografia, música... Eu fiquei pensando, aquelas trovas poderiam dizer algo a mais para além dos marcadores sociológicos buscados pelo Florestan? Ele, claro, não estava interessado nessa abordagem, obviamente atento às questões das classes sociais.

José Geraldo

Mas nessa época ele não estava pensando tanto em classe; ainda não.

Kike

É verdade, era muito cedo para ele ser marxista, trata-se de um trabalho de graduação que foi premiado. Mas queria enfatizar que os meninos, ao se retirarem dessas brincadeiras musicais para o universo do futebol de rua, passaram a experimentar outras sonoridades, certamente mais viris. É o grunhido, o xingamento, os sons dos corpos que se confrontam, que se atiram e caem, os chutes na bola. O futebol vai produzir esses deslocamentos sonoros entre as brincadeiras, afastando ainda mais meninos e meninas.

José Geraldo

Veja que legal como o Mário de Andrade se preocupou com isso na direção do Departamento de Cultura nos anos 1930. Na época, ele implementou os Parques Infantis na cidade de São Paulo e nas disposições havia preocupação evidente com as atividades lúdicas/esportivas das crianças, acompanhadas de música. Gostei da sua avaliação totalmente procedente: as brincadeiras de roda ficaram então destinadas ao universo feminino, com

a conquista do futebol pelas ruas e pelos homens, até porque o aspecto físico e viril desta prática é importante, embora não determinante. Há uma dinâmica cultural e social que constrói essas individualidades, afinidades, pequenas comunidades, grandes coletividades, identidades etc. Isso tem a ver certamente com a formação das identidades que falávamos anteriormente, que o Flavio destacou no início da conversa, não é? E na nossa dinâmica histórica se estabeleceu que o futebol é identificado do ponto de vista sonoro com o samba e do ponto de vista coreográfico com a capoeira. Não é isso? Já lembramos do Gilberto Freyre e do próprio Mário: síncope, dança/ginga, drible igual a futebol-arte. Temos aqui uma dupla questão: o fato de que social e culturalmente todos esses fenômenos se cruzam no cenário brasileiro, produzindo uma singularidade bem bonita; mas também o(s) mito(s) criado(s) em torno disso. E mitos também inventam e estabelecem o mundo social.

Voltando um pouco à questão sugerida pelo Kike e por mim: a presença dos corpos. É preciso levar em conta também que futebol é um esporte e que por isso, exige preparação técnica e física, formal (realizada nos clubes) ou informal (em anos "nas ruas"), pouco importa. O Wilson Gambeta fala bastante desse aspecto — a ginástica — no trabalho dele (Gambeta, 2013), tentando exatamente colocar a questão num universo mais amplo e distante destas mitologias.

Flavio

Uma das cenas mais icônicas do Maradona, das mais bonitas, acontece em uma partida contra o Bayern, de Munique, se eu não estiver enganado. E ele começa a bater bola naquela entrada inicial, no reconhecimento do gramado, com o som de uma música pop. E ele vai dançando com a chuteira desamarrada.

Kike

Ele vai sincronizando o aquecimento com a música. Com bola ou sem bola?

Flavio

Com bola. É uma dança com a música "Live Is Life" ⁵. O estádio inteiro cantando e ele dá um show. E é exatamente isso que você está falando. É uma preparação. É um aquecimento. É o reconhecimento do gramado ⁶. Ele está se preparando emocionalmente para entrar na partida dançando. Ele dança no aquecimento. É uma das cenas, para mim, mais marcantes do Maradona.

José Geraldo

Sim, tem a ver com essa preparação e aquecimento, sem dúvida. Mas a marcação rítmica dessa canção é muito simples, o que facilita bastante... Seria exatamente o contrário do que ocorre com o samba, com seu tempo "requebrado", que impõe outra prontidão, exige outra prática e habilidade, concedendo então exatamente nossa singularidade no manuseio da bola com o pé. Retornamos ao fato e ao mito! Mas não basta isso, foi o que salientei antes. Digo que estes jogadores "malabaristas" servem para o "circo" (não é o caso do Maradona, claro). O futebol exige também vigor físico, capacidade de mudança direcional, repetição das práticas, percepção temporal múltipla, visão em várias direções e assim por diante. Se associar isso tudo com muita intuição, teremos um bom jogador. Não precisa nem ser um grande atleta (não foi o Raí que disse que ele era mais atleta e o Sócrates mais jogador?). Pra dar exemplos — nem vale lembrar do Pelé, não é? —, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Romário no auge tinham boa capacidade física, mesmo caindo na boêmia. E a reclamação nacional hoje não seria justamente essa com relação ao Neymar? Se estiver bem fisicamente, vai à Copa ...

⁵ A música entoada pela torcida é "Live Is Life", da banda Opus (1985), que se transformou num hit nos estádios europeus de futebol.

⁶ O episódio ocorreu em 1989, válido pela semifinal da Copa da UEFA (União das Associações Europeias de Futebol) 98/99. O Napoli havia vencido o primeiro jogo contra o Bayern de Munique por 2 x 0 na Itália. No jogo de volta, durante o aquecimento, Maradona estava com os cadarços desamarrados e o meião abaixado quando começou a demonstrar seu controle de bola nos ombros, cabeça e pés enquanto dançava a música da banda Opus. O momento foi tão emblemático que os jogadores do Bayern pararam seu aquecimento para observar o que o argentino fazia com tanta facilidade. A partida terminou 2 x 2, garantindo a vaga na final para o Napoli, que se consagraria campeão daquela edição.

Aliás, o canto alusivo ao Lula, "Olê, olê, olá, Lula, Lula" não tem origem no futebol? Não seria o "Olê, olê, olê, Diego, Diego"?

José Geraldo

Acho que não. Essas figuras de linguagem sonora são práticas tradicionais muito usuais, seja para realçar, para incluir, excluir, ajeitar a dinâmica musical. Mário de Andrade dizia, por exemplo, que os "laialaiáááá", os "lalalá" ou as extensões "áááá'", "ôô-oôôô" dos finais de frase eram usadas "espertalhonamente" pelos compositores para ajeitar as prosódias aos ritmos "quebrados" de nossas canções.

Creio que esse aí talvez tenha mais a ver com a conhecida marchinha do Braguinha, "Touradas em Madrid", gravada pelo Almirante em 1937. A composição — uma paródia que confronta sonoramente e na letra as duas culturas, dando prevalência à nossa, isto é, ao samba — foi usada, como se sabe, pela torcida durante a goleada de Brasil e Espanha na Copa de 1950. A alegre marchinha já estava sedimentada na nossa memória coletiva e foi utilizada intuitivamente para os gritos do famoso *olé,olé*, além de ser tocada pela charanga nas arquibancadas. Dali talvez tenha derivado o primeiro *olé-olé-olá...* Depois, no final dos anos 1960, Chico Buarque consagrou o conhecido refrão popular — á assentado na memória coletiva, não é? — na canção em que canta "olê-olê-olê-ooláááá' (olha aí o que o Mário dizia...), tem samba de sobra pra gente sambar..." e cuja expressão dá título à canção.

Do ponto de vista europeu, alguns argumentam em favor do "Alleeez, alleeeez" ("vamos-vamos", que segundo alguns também estaria na base do antigo "Alegoá-guá-guá" cantado pelas torcidas no Brasil), derivando daí o "olê-olê"! Tem também o caso interessante do início dos anos 2000 da torcida do Bruges, creio, cantando "Seven Nation Army". Mas ali não identifico no "pooo-po-po-popo-pooooo" qualquer proximidade com *olé-olá*. Como vê, são várias versões — como, aliás, é típico de certas canções populares, elas não têm dono.

Flavio

Várias versões, exatamente. Essa era como a torcida do Boca se referia ao Maradona. Se a gente verificar, em 1982, na primeira eleição que o Lula disputa, para o governo de São Paulo, não tem o “Olê, olá, olá, olá”. Isso só vai aparecer em 1989, na eleição presidencial.

Kike

E manifestações coletivas não faltam para pensarmos esse lugar central que as multidões assumem na cena sonora urbana. Lembro agora do impeachment do Collor, que foi um evento político tanto esportivizado quanto musicalizado, com a presença de bordões vindos do futebol. No auge da crise, Collor pediu para que a população se vestisse de amarelo em seu desagravo. O efeito foi o contrário, pois à medida que os escândalos de seu governo ganharam a atenção pública, os jovens, que ficaram conhecidos pela expressão caras-pintadas, se vestiram de preto e se apresentaram nas manifestações com os rostos pintados de verde e amarelo. Na política há essa coisa toda ruidosa. Mas há também o silêncio coletivo, tal como vimos na pandemia, com os jogos de futebol paralisados e o negacionismo do governo Bolsonaro atravessando toda a crise sanitária. Que sons pudemos ouvir no futebol?

Flavio

Durante a pandemia, isso se tornou muito mais claro. Por exemplo, assistindo o jogo na TV, ficava muito mais nítido o som dos técnicos falando, o som da bola sendo chutada, o som dos jogadores comemorando o gol, e não da torcida comemorando o gol, que é outra coisa. Então, essa diferença foi muito marcante. O som mudou completamente.

Kike

Mas aí sumiam os sons políticos da multidão, as vaias, os palavrões.

José Geraldo

E nem estavam no ritmo do jogo, não é? De repente, o cara está cobrando a lateral e o som aplicado era outro: completamente assincrônico!

Kike

Totalmente assincrônico. Tive um aluno que se atentou para os silêncios na sua pesquisa sobre a formação de jogadores de futebol de base, um futebol sem multidão (Palmieri, 2015). Geralmente a meninada joga escutando só o aplauso do pai, da mãe, escutando a irmã falando. Então ele vai analisar um pouco como isso interfere na produção desses jogadores. Mas é diferente da várzea, que pode ou não ter torcedor em volta. Os jogadores absorvem as duas dimensões, do jogar e do torcer. O sujeito é jogador e torcedor ao mesmo tempo, amplificando os sons desse futebol.

José Geraldo

É interessante isso. É o tal futebol de condomínio, que já está se tornando um conceito... No jogo de várzea tem uma excitação muito grande para quem está em campo. E tensão também: é possível uma cobrança mais veemente quando o jogador for cobrar um lateral e o goleiro está em permanente assédio. Bom, isso ocorre também nos pequenos estádios como do Juventus na rua Javari e Vila Belmiro.

Kike

As barras torcedoras também agregam outros elementos sonoros, estilos musicais e instrumentos. Muito conhecidas no futebol em alguns países latino-americanos, sobretudo Uruguai e Argentina. Mas em toda América Latina se torce muito ao som de tambores, no futebol inglês se utiliza mais a voz, os ingleses praticamente cantam à capela, formam multidões-corais.

Flavio

Na Europa se faz muita paródia. O PSG fez uma paródia para receber o Neymar⁷. Eu não lembro exatamente qual era a música.

Uma paródia muito amistosa. E depois fez outra para expulsá-lo. O Chelsea fez duas para o Estevão, uma que é particularmente muito interessante que é do KC & Sunshine Band, "I Like It".

E veja a pobreza musical em torno da seleção brasileira, que contrasta com tudo isso. Se a gente considerar o universo sonoro do futebol, essa cultura sonora, essas camadas e as paródias que as torcidas fazem, a beleza das paródias. O Boca Juniors canta "Ilariê" (1988), da Xuxa, nas arquibancadas. Isso é maravilhoso, divertido...

Kike

A paródia funciona. Já está na cabeça das pessoas.

José Geraldo

A paródia só funciona assim, quando a melodia original já está na memória. Daí ela "cola" imediatamente com a nova letra. Esse é o sentido dela. E paródia é uma prática clássica na cultura e cancionismo popular.

Kike

Como o Zé Geraldo afirmou, a música é uma linguagem que está preparada para acolher tudo. A paródia pode vir da Argentina, pode ser cantada na Europa. As paródias ultrapassam os nacionalismos.

⁷ Na apresentação oficial de Neymar ao Paris Saint Germain, em agosto de 2017, a diretoria e os torcedores fizeram uma homenagem ao jogador. Ao entrar em campo para ser apresentado, o sistema de som do Parc des Princes começou a tocar uma paródia do clássico de Ary Barroso, "Aquarela do Brasil". A música, o locutor do estádio e os torcedores então se juntaram em uma festa cantando "Neymar!Neymar!Neymar!" no mesmo ritmo do clássico do compositor mineiro.

Flavio

Essas paródias são pouco ouvidas, pouco exploradas e referidas nas transmissões da TV, talvez por questões de direitos autorais, talvez, simplesmente, por falta de interesse e compreensão da cultura do futebol. Suas menções poderiam estimular a elaboração de mais paródias. Lembrei de uma outra, do Internacional de Porto Alegre, maravilhosa, parodiando uma canção "Pelados em Santos" dos Mamonas Assassinas.

Como mencionei antes, Matias Pinto tem um podcast e trabalha registrando paródias torcedoras. Ele organizou, com Luiza Romão e Gisele de Paula, uma recente exposição no Museu do Futebol, intitulada *!Cancha Brava!*. Em uma parte muito interessante, eram exibidas imagens de cantos de torcidas.

Kike

No contexto do futebol se tornou famoso o "poropopó", que não tem letra, e se traduz em pura intensidade física. É o corpo que está ali colocado a partir de uma sonorização de multidão que se revela numa efervescência coletiva e catártica. Isso foi invenção dos corinthianos?

Flavio

Na verdade, as origens do "poropopó" são bem anteriores. Mas, claro, a tendência da cultura das redes sociais é simplificar um pouco os processos e as influências culturais. O "poropopó" era entoado e acompanhado por palmas em espetáculos de circo. Lembro disso quando criança, e de relatos do meu pai referentes à sua infância, nos anos 1940, no interior de São Paulo.

Tem aí uma belíssima história do circo, desde o século XVIII na Inglaterra (vou me abster de uma cansativa retrospectiva desde o Circus Maximus na Roma Antiga e os saltimbancos medievais), chegando aos Estados Unidos e à América Latina no começo do XIX. Uma origem possível para o canto hoje identificado com a torcida do Corinthians é uma marcha militar mexicana

e um hino de uma universidade dos Estados Unidos⁸. É significativo que a torcida dos Pumas entoe o “poropopó” nas arquibancadas e que outras torcidas brasileiras também tenham se aproveitado desse ritmo para suas coreografias. Temos aqui múltiplas influências e fronteiras porosas entre o circo, a música e o futebol.

José Geraldo

Bacana isso tudo. Claro que o conhecido “poropopó” está cravado nas práticas circenses e o pessoal do rock usou isso ironicamente. E poderíamos divagar mais um pouco e dizer que o circo no México foi muito importante, a tal ponto que o conhecido palhaço de origem inglesa Mister Bell, ou Ricardo Bell, se tornou amigo e protegido do presidente Porfirio Díaz no começo do século XX. De novo: ir atrás dessas origens das culturas populares é se perder no tempo e nas indefinições.

Agora, vou fazer o papel de provocar os dois. Vocês não acham que as discussões em torno do futebol ficaram muito centralizadas na arquibancada e na torcida? O Kike começou com esse tema nas suas pesquisas e pode nos dizer algo. E como desdobramento, não houve um privilégio para se falar das sonoridades a partir das arquibancadas e torcidas?

Kike

Tudo bem. O futebol é um espetáculo, é um esporte, mas se você pegar todas as ciências, que são ciências do Estado, elas se voltam para pensar o jogar e muito pouco o torcer. A medicina não está preocupada com o torcer, assim como a fisiologia, a matemática. Quem ficou arraigado a pensar o fenômeno torcedor foram os antropólogos, psicólogos, sociólogos, historiadores. Vamos dizer como o Bruno Latour, somente as ciências moles é que trabalham com o comportamento torcedor. Se você pegar as ciências duras, são todas voltadas para a otimização de desempenhos, marcas, índices, dimensões mensuráveis que geram dinheiro, lucro e prestígio material com e no esporte.

⁸ A “Marcha Militar de Zatecas”, composta por Genaro Codina em 1891, e a “Washington and Lee Swing”, de Mark W. Sheaf. O curta-metragem *Poropopó*, de 2021, dirigido por Luís Antônio Igreja e trilha de Daniel Gonzaga, resgata a cultura circense.

José Geraldo

De fato. Você tem total razão. E me parece também que o inverso é verdadeiro: não vejo muito as ciências humanas pensarem por dentro da prática: mal comparando, seriam as mesmas dificuldades relacionadas à linguagem musical? Agora ironizando um pouco: seria em razão da tradicional dificuldade que o pessoal das humanidades tem com a bola no pé?

Então, eu vou fazer a pergunta de maneira mais específica. Nessa área das “ciências moles”, a arquibancada não tem centralidade?

Kike

Ainda acho que tem um equilíbrio.

Flavio

Uma partida sem torcida tem outra carga, outra dinâmica emocional, mas me parece que a questão da sonoridade, dessas camadas sonoras que o Zé trabalha, é interessante porque é uma maneira de entrar tanto na arquibancada quanto ali no miolo, na dinâmica, entrar mesmo por dentro, sem projetar questões externas.

Por exemplo, a questão do racismo é das mais importantes para nós. O racismo está na sociedade e no futebol, há uma intersecção. O mesmo se passa com a questão LGBT, a questão das relações de gênero, dominação social, política etc... Agora, o que me parece interessante é que a sonoridade pode escapar de armadilhas ideológicas, no sentido dos seus pressupostos fechados. A questão da sonoridade, talvez, possa inovar, porque ela visa resgatar elementos intrínsecos da dinâmica do futebol. Talvez seja um caminho novo para ampliar os estudos sobre arquibancada, arejar essas pesquisas. A partir dessa conversa, fiquei imaginando a sonoridade de uma partida do futebol de mulheres em relação à partida do futebol de homens. Resgatar a sonoridade de uma partida LGBT. Seriam maneiras de trabalhar essas questões a partir das camadas sonoras. Talvez uma renovação no nosso campo de pesquisa.

Kike

Só retomando a questão do preconceito, já que o Flavio mencionou a sonoridade das partidas de futebol LGBT. Noto que um dos índices estigmatizantes percebidos em discursos preconceituosos de senso comum quando se fala a respeito das performatividades de pessoas gays vem da sonoridade com que exibem graus variados de feminilidade. Os gays que se expõem pelas interjeições da fala parecem sofrer bem mais em ambientes hostis se comparados aos mais calados. Quer dizer, sujeitos declaradamente preconceituosos dizem até suportar a copresença em ambientes compartilhados com gays, mas também dizem não tolerar a existência sonora deles. Isso é muito comum de se ouvir por aí. Então, percebe-se como os estudos sobre sonoridade, que formam um campo explorado pelo Zé Geraldo, tornam-se indicadores impressionantes de uma certa produção de identidades e tensões a respeito das diferenças.

José Geraldo

Legal dizer isso, porque eu ia comentar algo nesse sentido. De fato o som tem essa capacidade, mas, ao mesmo tempo, a apreensão dele, o discurso em torno dele é e pode ser profundamente ideológico. Um autor importante que discutiu bem isso lá nos anos 1970 foi Jacques Attali em *Ruídos: ensaio sobre a economia política da música*. Pena não ter tradução para o português. Ali se abriu um campo importante de discussão que se mantém vivo. Na década seguinte, o Zé Miguel (Wisnik), em *O som e o sentido* (1989), discute isso também.

Kike

A sonoridade está em qualquer lugar. Você pode assistir a uma sessão no tribunal e perceber que ali as performances de juízes, promotores e advogados são intencionalmente sonoras, ditam a economia dos argumentos. Como se as modalidades e tonalidades no uso das vozes emitissem juízos que balizarão as sentenças.

José Geraldo

Acho ótimo você destacar isso porque tem uma pesquisa que fiz sobre o conflito entre dois músicos importantes no início do século XX (*Drama musical em três atos*, publicada em 2022) e que resultou na morte de um deles, acabou nos tribunais. A imprensa acompanhou de perto as sessões, como uma novela, e é incrível como o aspecto sonoro presente nelas foi destacado pelos cronistas para representar a tensão e dar presença à ação.

E sobre as performances das vozes, Kike, me lembrei de um belo livro da historiadora Arlette Farge, *Ensaio para uma história das vozes no século XVIII* (2009; sem tradução também), que trata exatamente dessas modalidades, tonalidades, timbres, alturas das vozes femininas, infantis, masculinas, em ambientes distintos, objetivos diferentes etc., e como tudo muda.

Kike

Tem essa questão da presença. O futebol produz presenças sonoras para existir como um ritual que produz emoção. Nos estádios se canta para que se amplie a copresença junto aos jogadores. Os cantos e as formas assumidas pelas sonoridades torcedoras emulam a presença dentro de campo. A sonoridade torcedora atinge os jogadores. Diferente de ouvir uma canção no elevador. No futebol, os cantos tornam-se índices da ritualidade, associando festa e seriedade. Mas um jogador não pode jogar e cantar, pois aí vai se distrair, o papel dele no ritual é exatamente o oposto. Ele mobiliza outros sons para ampliar sua capacidade de jogar. É muito comum ver a chegada de jogadores que, quando saem dos ônibus, aparecem com fones de ouvido. Permanecem ali dentro daquela sonoridade pessoalizada, cada um ouvindo a música ou estilo musical de sua preferência, ou outras sonoridades. Mas na hora que a bola rola devem ser arrebatados pelos sons do jogo coletivo e das multidões torcedoras.

José Geraldo

Muito bacana como você coloca, é isso mesmo. E isso colabora para reafirmar essa minha ideia dos sons internos e os externos. Mas tem um para-

doxo interessante, nas torcidas organizadas principalmente. Tem um olhar para o jogo que exige uma sincronia sonora com ele (cantando, gritando, pulando, gesticulando), e tem uma outra sincronia que é acompanhar a orquestra e a coreografia da própria torcida, independente do que ocorre no jogo: é um jogo dentro do jogo.

Kike

O jogo pode estar ruim, mas não se deve esmorecer na arquibancada, sobretudo na condição de torcedor organizado.

Flavio

Há uma vocalidade para dentro e tem uma vocalidade para fora, para o time. Tem uma vocalidade para fora contra o adversário, e uma vocalidade para fora contra outras formas de torcer, o pessoal da numerada, a diretoria. E tem a vocalidade para dentro, que você estimula o outro torcedor a cantar. Eu costumo dizer que hoje em dia essas torcidas uniformizadas torcem mais para elas mesmas do que para o time. Eles vão lá para torcer para si mesmos. Olha que interessante seria examinar isso, fazer a etnografia da torcida a partir das sonoridades. Não só a partir da gestualidade, mas fazer uma recuperação etnográfica de todos os cantos, todas as palavras de ordem e entender essas lógicas internas.

Tem uma rotina, inclusive, das músicas. No começo do jogo. Se o jogo está ruim, tem um canto que é para excitar. Ou entoar músicas de cobrança.

José Geraldo

É por aí mesmo. Os sons acompanham essa prática das organizadas mais interessadas em si mesmas do que no time. Cada uma delas tem os seus sons, canções, palavras de ordem, coreografias, camisas etc., que a partir de certo momento passaram a ser consideradas mais importantes do que a dos times. São os sinais da nossa contemporaneidade.

Kike

Pude assistir algumas vezes jogos lá na Arena do Corinthians e notei a proximidade das torcidas organizadas (T.O.), praticamente espremidas num único setor, o que prejudica a audição dos cantos. Dá para diferenciá-las pelas cores, Gaviões formando um mar de preto, e a Camisa 12, só para lembrar dessas maiores, um mar branco. Mas na hora que começam a cantar, e para quem se posiciona nos setores mais afastados, parece virar um ruído com as baterias tocando juntas, mas com rotinas sonoras diferentes. Mas claro que tem também os momentos que cantam em uníssono.

Flavio

Antes do processo de arenização, não havia essa concentração das organizadas no mesmo setor. Havia uma ocupação diferente e havia um acordo sonoro. Havia uma territorialização das torcidas organizadas, que ocupavam espaços diferentes e mais demarcados nos estádios. Mesmo quando uma torcida se sobrepunha do ponto de vista numérico. Óbvio que a torcida com o maior número ia ser ouvida mais vezes e mais intensamente. Mas outras torcidas tinham o seu momento, permitido, para cantar e se apresentar.

Em relação às torcidas do Palmeiras, havia três principais no início dos anos 2000. Antes do surgimento da Mancha, em 1983, havia mais. O tempo de exibição sonora da Mancha era maior. Mas havia o tempo da Tupi e mesmo o pequeno tempo da Savoia. Era possível ouvir a Savoia no antigo Parque Antártica. Havia uns acordos. Óbvio que, em alguns momentos, esses acordos eram rompidos ou suspensos por causa da rivalidade entre elas. Insultos eram proferidos, ameaças, brigas. Mas, normalmente, havia tempos de expressão sonora de cada uma delas.

Kike

Eu estive há pouco tempo no estádio do Canindé, ainda considerado, ao menos até o momento, um estádio raiz, assistindo à partida entre São Paulo e Chapecoense pelo Campeonato Brasileiro de 2026. O que aconte-

ceu lá foi isso que o Flavio descreveu e que não é mais possível observar em estádios como o Morumbi, embora este não seja considerado uma arena. Mas o anel superior das arquibancadas também foi segmentado em setores estanques, levado por essa onda de transformações que assolou os estádios a partir do decênio de 2010, sobretudo demandadas pela FIFA para a Copa de 2014. Mas lá no Canindé, a T.O. Dragões da Real ficou num lado do campo, a T.O. Falange situada no meio, e a Tricolor Independente, a maior T.O. entre elas, na outra ponta do campo. Então, se percebia exatamente um certo ritmo, quando uma estava cantando, as outras esperavam.

José Geraldo

Sim, mas não tem esse aspecto que o Flavio salientou: o tempo para cada uma não acaba muito misturado?

Kike

Eu acho que essa divisão sonora é mais tácita que regrada. Mesmo assim, percebi algum respeito.

José Geraldo

Sim, tem isso também.

Kike

Juntas em um único setor acontece uma espécie de confusão sonora com a sobreposição de cantos distintos. Distinto de uma certa harmonia que ouvimos pelas transmissões televisivas que nos chegam dos estádios europeus, em que há um canto coral, coletivo, muito valorizado. Nos estádios argentinos também, o que nos dá a impressão mais contemporânea de que nessas praças se torce mais. Na sensibilidade torcedora, até a chegada das transmissões estrangeiras e o acesso à rede mundial virtual, que nos trouxe a possibilidade da comparação, imaginava-se que não somente o futebol brasileiro, mas o torcer também era algo único e bem brasileiro. Performances torcedoras incríveis e sonoras estão espalhadas por todo o mundo.

O recrudescimento de um padrão neoliberal imposto ao torcer também impede a livre manifestação da criatividade sonora. Ao menos em São Paulo, a rotina da PM responsável pelo policiamento nos estádios restringe o número de instrumentos percussivos, são liberados por volta de sete para cada T.O. Mastros de bambus, que sustentam as bandeiras, entraram numa espécie de limbo jurídico no Estado de São Paulo, ora são proibidos, ora permitidos. Esses mastros são todos identificados (geralmente devem vir com o nome daquele que o empunhará ou alguma marca que o identifique) e eram checados horas antes das partidas. Bandeirões maiores, aqueles que são estendidos, tomando grande parte das arquibancadas, são permitidos, mas também são abertos antes de ingressarem nas arquibancadas e verificados pelos PMs. Isso tudo virou uma espécie de ritual da ordem. Ordem que pode ser notada entre as próprias torcidas organizadas. Verificar, por exemplo, as disputas nas torcidas palmeirenses, ali se impõe uma hierarquia a partir da Mancha Verde, que pelo canto se sobrepõe às outras T.O. (TUP, Savoia). É como se ela ditasse por mais tempo o ritmo sonoro das arquibancadas palmeirenses.

Flavio

Olha que interessante observar a mudança das relações entre as torcidas organizadas de um mesmo clube, junto com essa mudança dos espaços de expectativa, que são as arenas, a partir da questão sonora, a partir das disputas sonoras ou das hegemonias, das imposições. É a lei do mais forte que se expressa sonoramente. Ela se expressa também na pancada, mas você tem uma expressão sonora. Capturar isso que o Zé aponta é uma chave muito interessante para pensar as dinâmicas torcedoras. A voz como instrumento de poder. Agora, só para não perder, tem uma coisa que eu acho muito bonita, que são os hinos. Eu sei que vai para a canção e tal, mas numa conversa como essa, Zé, gostaria de falar um pouco dos hinos dos clubes, sobretudo dos clubes do Rio de Janeiro.

José Geraldo

O que eu posso dizer? Bom, vai uma impressão subjetiva. Não gosto de hino de maneira geral, pelo seu aspecto original laudatório e de pouca criatividade musical. Tem que ser assim, não é? Sua existência é necessariamente para elogiar e engrandecer, para entusiasmar e criar o clima de comunidade (nacional, escolar, regional, clube, torcida). E para acompanhar, geralmente uma melodia fácil e ritmo simples (que em geral servem às marchas e desfiles). Esses são os ingredientes para gerar os sentimentos de excitação e união. Agora, tem que estudar, analisar por que são partes importantes deste universo. Eu pesquisei bandas de música (fanfarras) no início do século XX e não tenho nenhum gosto pessoal por elas...

Kike

Geralmente, muito marciais.

José Geraldo

Agora, os hinos compostos pelo Lala para os times do RJ são outra coisa! Alcançam outros sentidos. O do Grêmio é muito bom também, já que composto pelo Lupicínio Rodrigues, não é? É outra coisa do ponto de vista musical, me parece. Mas de maneira geral, os hinos não me entusiasmam, ainda que reconheça sua carga afetiva: eu, por exemplo, conheço e consigo cantar o hino do meu time. Conhecemos também os hinos dos outros times em razão de nossas memórias infantis e juvenis, sem muita presença ainda das imagens da televisão: tinham discos, as emissoras de rádio tocavam sempre...

Kike

Nos anos 1980 deram uma reciclada e convocaram artistas para regravam os hinos de seus clubes do coração, inovando nos arranjos e interpretações. Lembro da versão incrível do Tim Maia para o hino do América do Rio. O São Paulo, infelizmente, ficou com um grupo à época que fazia sucesso dentro do rock nacional, o Ultraje a Rigor, que mais tarde revelaria o rea-

cionista são-paulino Roger, líder da banda. A iniciativa foi da revista *Placar*, que distribuiu o CD.

José Geraldo

Puxa, nem me lembrava disso. Agora que citou, veio a lembrança imediata do Tim Maia cantando lindamente o hino do América, que é lindo. Agora, ele deixa lindo qualquer coisa...

Flavio

Para mim, os hinos do Rio provocam uma emoção que é uma emoção diferente dos hinos de São Paulo. São composições do Lamartine Babo, compositor de muitas marchinhas antigas de carnaval, clássicos do cancionário brasileiro. Composições que me provocam e me colocam no campo do jogo, na cultura do futebol. Hinos do América, Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo... Os de São Paulo, eu confesso que não têm o mesmo efeito. Nem mesmo o do Palmeiras, que se relaciona à minha identidade palmeirense.

Kike

Os hinos eram muito mais valorizados pelo rádio. O que quase não acontece nas transmissões televisivas. Praticamente você não os escuta nas transmissões.

Flavio

Quero destacar um outro hino que é muito interessante, que a torcida do Palmeiras faz. Na execução do hino nacional, a torcida do Palmeiras não canta o hino e troca a letra oficial apenas pela repetição: "Palmeiras, meu Palmeiras, meu Palmeiras..."

Kike

Também me incomoda, mas não deixa de ser interessante essa disputa com a identidade nacional, e revela mais um episódio dessa quebra de encanto pela seleção. Pode até ser apenas uma questão de parodiar o hino nacional, mas, mesmo assim, indicador de algo que parece afirmar a identidade clubística como sendo a mais importante. Mas, no geral, os torcedores, quando ouvem o hino nacional tocado antes das partidas nos campeonatos regulares, prestam pouca atenção nele. As atitudes de reverência a ele são mais entusiastas nos jogos da seleção. Torcedores guardam um bom senso de distinguir essas coisas e não sublimar a questão nacionalista a qualquer custo. Mas não deixa de ser uma provocação.

José Geraldo

Acho péssima essa ideia de cantar o hino nacional antes dos jogos. Não vejo razão prática nenhuma. Para mim mais incomoda o torcedor, cria má vontade, do que impulsiona o sentimento nacionalista. Sei lá qual a lógica prática disso, então.

Flavio

Tem aquela propaganda. Uma propaganda maravilhosa com o Maradona.

José Geraldo

Você está muito maradonista, hein?

Flavio

Eu sempre fui maradonista. Nunca escondi... A propaganda apresenta o Maradona perfilado com outros jogadores da seleção brasileira, com o uniforme da seleção, cantando o hino nacional brasileiro. O Maradona cantando com sotaque castelhano. Há um corte na cena e ele reaparece na cama. Estava sonhando e ao seu lado, no criado-mudo, há um monte de latinhas de refrigerante. E ele diz que precisa parar de tomar Guaraná Antarctica,

que era a patrocinadora da seleção brasileira. Essa é uma das propagandas mais legais ⁹.

José Geraldo

Pois é, mas ninguém falou do Pelé até agora, que aliás tinha impulsos de compositor e chegou a gravar um disco. E para provocá-lo, *El diez* só tem esse título porque Pelé consagrou a camisa, que antes dele era igual às outras.

Mas eu queria voltar a falar do rádio e os hinos. De fato, o Kike tem razão: até hoje os programas esportivos (melhor dizer, de futebol) das emissoras de rádio tocam os hinos dos clubes, como antigamente. Quando o setorista é chamado, tocam o hino do clube que ele está cobrindo: serve como uma espécie de logotom, para destaque e alerta.

Kike

É, tem razão. A televisão minimizou bastante essa entrada do hino.

Flavio

Mas a coisa que o Zé está falando do rádio é interessante porque também há uma redução do ponto de vista dessa expressão sonora, com o esvaziamento do rádio. Hoje se escuta menos rádio. Gostaria que algum jovem pesquisador estudasse isso. Porque o futebol só se tornou futebol, com essa dimensão, por causa do rádio.

Kike

Só voltando para a coisa dos hinos, tem alguns que não gosto da gravação, mas funcionam bem nos estádios. É o caso do hino do Palmeiras.

⁹ A propaganda mencionada foi um comercial da Guaraná Antarctica, patrocinador da seleção brasileira, como parte da campanha da Copa do Mundo de 2006. No comercial, Maradona tem um pesadelo vestindo a camiseta do Brasil e cantando o hino nacional ao lado de figuras como Kaká e Ronaldo Fenômeno. Ao acordar ele percebe que fora apenas um pesadelo causado pela quantidade de guaraná que havia tomado. A propaganda terminava com o slogan: "Os maiores craques do mundo um dia já sonharam em jogar na nossa seleção".

Flavio

Mas essa relação entre o rádio e o futebol provoca a nossa capacidade criativa e imaginativa. Na televisão a fruição do jogo é mais preguiçosa. A gente ia pro estádio com o radinho e se fruía duplamente. Você estava ali no estádio, in loco, ouvindo ao mesmo tempo a transmissão pelo rádio. Talvez a minha lembrança mais forte dessa cultura sonora do rádio se refira a uma partida entre São Paulo e Santos no meio da semana. Pelé ainda jogava, acho que era 1974. Não me recordo se o marcador do São Paulo era o Arlindo ou o Samuel. E eu estava ouvindo essa partida em casa. Evidentemente não foi televisionada ao vivo. Eu estava ouvindo com o meu pai, que era são-paulino. Estava 1 x 0 para o São Paulo até 40 minutos do segundo tempo. O marcador grudou no Pelé durante toda a partida. A bola estava com o Valdir Perez; o Pelé, marcado, se enrosca com o marcador dentro da área, que agarra o Pelé e o derruba. O juiz marca pênalti. Um outro jogador do Santos bate e empata esse jogo. Fui assistir a essa jogada muitos anos depois, no YouTube. Essa memória tenho de moleque. De construir a imagem e ouvir a locução do empate. Não sei quem que era o locutor, não vou lembrar. Mas lembro dele ressaltar a genialidade e a malandragem do Pelé.

José Geraldo

Incrível essa sua memória radiofônica! Todos temos uma pra contar: seja a voz característica do Fiori Gigliotti anunciando a proximidade do fim de jogo ("Crepúsculo do jogo!"), ou para anunciar a chuva ("Chove copiosamente no estádio"), ou os logotons das emissoras (Bandeirantes, Globo, Jovem Pan). As transmissões pelo rádio projetam imagens, ampliam a imaginação. Parece que na TV nos tornamos mais passivos, digamos assim.

Kike

Mas, ao mesmo tempo, os detratores do rádio criticavam a falta de objetividade ou de realismo. Às vezes a bola tinha sido chutada longe e o narrador dizia que ela havia passado triscando a trave.

José Geraldo

Sim, isso acontece de fato! Mas esses exageros são necessários para formar as "imagens sonoras". Quem foi formado informalmente nessa escuta sabe disso e releva os excessos.

Agora, gostaria de comentar uma coisa para a gente pensar e discutir. Acabei de escrever um texto sobre a pelota basca. Por qual razão escrevi algo sobre essa modalidade um tanto excêntrica? Porque desde minhas primeiras pesquisas, lá nos anos 1980/90, consultando periódicos do início do século XX, percebi que os jornais estavam recheados de notícias sobre ela: era pelota pra cá e pra lá. Comentários, propagandas, anúncios, informações etc. Achei bem curioso e o estranhamento ficou na minha cabeça. Mais recentemente coloquei um jovem estudante que queria estudar futebol, claro, para pesquisar o tema. Ele, o Rafael Rocha, se entusiasmou e levantou uma quantidade imensa de registros, entre o começo do século XX até os anos 1930: em São Paulo e no Rio também. Comparativamente, a imprensa abordou a modalidade tanto quanto o futebol. Ela tinha um apelo de apostas muito grande, atraindo então grande interesse popular. Claro que na medida que o futebol vai se desenvolvendo a pelota vai sumindo dos jornais. Bom, nas minhas pesquisas encontrei uma entrevista que o Tinhorão concedeu à revista *Placar* nos anos 1970 a respeito de um disco de 1913, cuja gravação continha uma composição chamava "Amadores da pelota". O Tinhorão projetou que a tal pelota era a bola de futebol e considerou, por isso, como uma das primeiras gravações que tematizaram o tema futebol.

Claro, ele não tinha a mínima ideia da existência da pelota basca.

Kike

Tinhorão sempre apressado.

José Geraldo

O que aconteceu? Jornalistas reproduziram desavisadamente essa avaliação e a gravação passou a constar naquelas conhecidas listas de músicas que abordam o futebol, como uma das primeiras a registrar o assunto, lá

em 1913. Incrível como isso se desdobrou, se repetiu incansavelmente e até reapareceu recentemente num dossiê sobre música e futebol na *Revista de Geografia da USP*. Uma professora do Rio de Janeiro menciona o mesmo fonograma. E vai mais longe: fala a respeito da ginga que a música evoca, o drible etc. E é uma polca brasileira (voltamos à questão inicial das misturas culturais), tocada pelo Giuseppe Rielli, conhecido sanfonista paulistano, sem letra alguma. Não há “ginga”, “drible” na música (Tinhorão até diz que não gostou da música, fala da música, mas não escutou, sacou? E aí reproduz a mesma “batida interpretativa” já comentada por nós). E com relação ao futebol, esses não eram ainda, em 1913, os traços predominantes do nosso futebol: ele estava começando a sair lentamente do seu “burgo aristocrático”, parafraseando o Kike. Por que eu estou contando tudo isso? Não é pelo suposto erro original de um dos maiores pesquisadores de nossa música popular; isso é o que menos importa, embora importe pelos desdobramentos que ocasionou. Mas é pela projeção que se estabeleceu. É o tal discurso hegemônico que comentamos no início a respeito do futebol e da música popular como esteio da brasilidade, que na verdade essencializa essas relações. Pelota = futebol; futebol = ginga/drible; drible = a síncope/samba/capoeira. Não se pode olhar nosso passado esportivo exclusivamente pelas lentes do futebol, como se nada tivesse acontecido antes dele. Ou então como se ele já estivesse ali em essência, pronto para desabrochar a partir do repique de uma síncope vital também. Eu não estou dizendo que essas relações não existam; ao contrário! É que a pelota foi um grande jogo rival do futebol. Acontece que nas décadas de 10 e 20 tinha apelo popular momentâneo bem importante, porque era um jogo de apostas. O Wilson (Gambeta) já tinha apontado nessa direção com relação ao turfe e ciclismo mais ou menos para a mesma época. Isso tudo cria ruídos estridentes nas percepções tradicionais daquelas “linhas evolutivas” — geralmente essencialistas e teleológicas -, muito presentes nas interpretações sobre a música popular e do futebol. Essas outras realidades criam as discontinuidades e atrapalham as linearidades interpretativas e as essências identitárias (sejam elas quais forem).

Kike

É como olhar o Brasil apenas pelas lentes do samba. E um conjunto importante de outras práticas, manifestações musicais, sonoras, esportivas se escondem à margem desses símbolos que se hegemonizam. Hoje estamos às voltas com essas reviravoltas e disputas pelos símbolos nacionais na política, nos costumes, que recortam noções de brasilidade. Mas, creio, o futebol ainda parece servir de pivô em meio a isso tudo. Como linguagem e menos como um símbolo estanque, ele ainda se presta a dizer algo sobre as aventuras do nosso nacionalismo. Já o panorama musical mudou muito, se fragmentou em tantos estilos que competem nesse “mercado” de bens simbólicos. Estilos musicais que, inclusive, ignoram ou não referenciam mais o futebol.

José Geraldo

Exato, Kike. Penso como você. Eu diria que ambos continuam no centro do debate da compreensão de “quem somos nós” e como eles ajudaram e continuam em ação para traçar nossas singularidades no tempo. Por isso, continuamos tentando compreender os dois fenômenos em si mesmos e em relação direta entre eles e com o conjunto social.

REFERÊNCIAS DO CAPÍTULO

APROBATO FILHO, N. *O couro e o aço: sob a mira do moderno: a aventura dos animais pelos jardins da Pauliceia* (final do século XIX – início do XX). São Paulo, 2007. Tese (doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun. 1994.

JAQUES-DALCROZE, E. *Méthode Jaques-Dalcroze : gymnastique rythmique*. Sandoz, Neuchatel: Jobin & Cie Ed, 1906.

FERNANDES, F. As trocinhas do Bom Retiro. Contribuição ao estudo folclórico e sociológico da Cultura e dos Grupos infantis. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 15, n. 1, [1944]2004.

FONSECA, D. S. *Uma colcha de retalhos: a música em cena na cidade de São Paulo*. São Paulo: Sesi-SP, 2017.

FREYRE, G. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, jun. 1938.

_____. Prefácio, o negro no futebol brasileiro [1947]. In: **RODRIGUES FILHO, M.** *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GAMBETA, W. *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916*. São Paulo, 2013. Tese (doutorado em História) — Universidade de São Paulo.

GAY, P. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MORAES, J. G. V. *Sonoridades paulistanas: final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Bial, 1997.

_____. Mário de Andrade: a música e o futebol. In: **CAMPOS, F. de; ALFONSI, D.** (orgs). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

_____. Mário de Andrade: música e futebol entram em campo. *Plural Pluriel*, Nanterre, n. 12, 2015.

_____. Escutar os mortos com os ouvidos. Dilemas historiográficos: os sons, as escutas e a música. *Topoi*, v. 19, n. 38, p. 109-39, mai-ago. 2018.

_____. *Criar um mundo do nada: a invenção de uma historiografia da música popular no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2020.

_____. Drama musical em três atos. São Paulo no começo do século XX. In: _____ (org). *Cidades (dis)sonantes: culturas sonoras em São Paulo (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Intermeios, 2022.

MOREIRA LEITE, D. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Unesp, 2017.

PALMIERI, J. C. J. *Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base*. São Carlos, 2015. Tese (doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal de São Carlos.

PAZZARELLI, F.; SAUMA, J.; HIROSE, M. B. (Contra) mestiçagens ameríndias e afro-americanas. *R@U – Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 9-10, jul.-dez. 2017.

RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS, G. T. *Aperfeiçoando o imperfeito: a paisagem auditiva do futebol em São Paulo no início do século XX*. São Paulo, 2024. Dissertação (mestrado em História Social) — Universidade de São Paulo.

SILVA, E. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: **MARZANO, A. e; MELO, V. A.** (orgs.) *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

STABELINI, J. C. O skate vale o palco. *Música e Cultura*, Salvador, ABET (Associação Brasileira de Etnomusicologia), v. 13, n. 2, p. 79-105, 2024.

TOLEDO, L. H. de. A sabedoria das paredes: escuta etnográfica e cidade. *Música e Cultura*, Salvador, ABET (Associação Brasileira de Etnomusicologia), v. 13, n. 2, p. 123-48, 2024.

WISNIK, J. M. Machado Maxixe: o caso Pestana. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2008.

_____. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.